



X Congresso Português de Sociologia
Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Secção/Área temática: Trabalho, Organizações e Profissões

Algumas especificidades dos valores e atitudes dos estudantes de economia: Elementos adicionais numa investigação em decurso

GRAÇA, João Carlos; SOCIUS/CSG; jgraca@iseg.ulisboa.pt
CORREIA, Rita Gomes; SOCIUS/CSG; ritagomescorreia@yahoo.com

Resumo

Esta comunicação pretende identificar um grupo de especificidades dos valores, atitudes e comportamentos de diversos grupos sociais. Assenta num inquérito efetuado em Dezembro de 2016, com uma amostra de 600 indivíduos, adultos e habitando na Grande Lisboa, os quais se encontram estratificados por sexo, idade e habilitações literárias. Os resultados obtidos através desta amostra foram posteriormente confrontados com os que tinham sido anteriormente obtidos quanto a vários outros grupos de inquiridos, nomeadamente estudantes universitários de economia (ISEG), população em geral e estudantes de outras disciplinas em outras escolas. Estes inquéritos anteriores referem-se aos anos de 2006, 2009 e 2012.

O inquérito foi de novo lançado, durante o ano letivo de 2016/7, quer entre os estudantes de economia (ISEG), quer em várias outras escolas, permitindo um acompanhamento da evolução da perceção pública dum vasto conjunto de questões. Como veremos, são facilmente assinaláveis diversos aspetos específicos relativamente aos estudantes de economia.

Palavras-chave: Valores; atitudes; estudantes de economia

XAPS-25574

O primeiro aspeto a destacar é o da consistente inclinação dos estudantes de economia para a escolha da regulação económica através do mercado, em oposição sobretudo à regulação pelo estado. Em estudos anteriores este padrão, aliás já assinalado em vasta literatura internacional, tinha sido identificado por nós com clareza também quanto ao caso português, e considerando a população iseguiana, a qual foi tomada como genericamente representativa dos estudantes de economia (ver quanto a isto, Graça, Lopes e Correia, 2014 e 2016; Graça, Caiado e Correia, no prelo). Por comparação com os estudantes de economia, a população em geral (‘civis’ ou ‘commoners’) tinha-se mostrado bem mais ‘estatista’; todavia, mais ‘estatistas’ ainda se tinham revelado os estudantes de outros cursos e outras escolas.

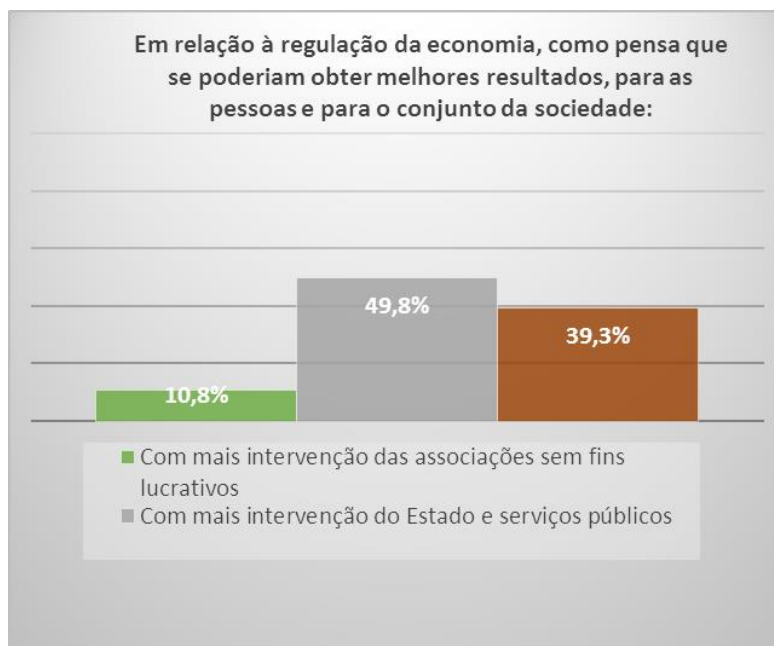
Tabela 1

	Commoners 2006	Economics students 2006	Other students 2009	Economics students 2012	Total
More state	52.27%	26.35%	60.25%	38.50%	42.05%
More market	28.79%	63.17%	27.05%	54.58%	46.84%
More 3rd sector	18.94%	10.48%	12.70%	6.92%	11.11%
Total	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%

Pearson $\chi^2(6) = 135.31^*$

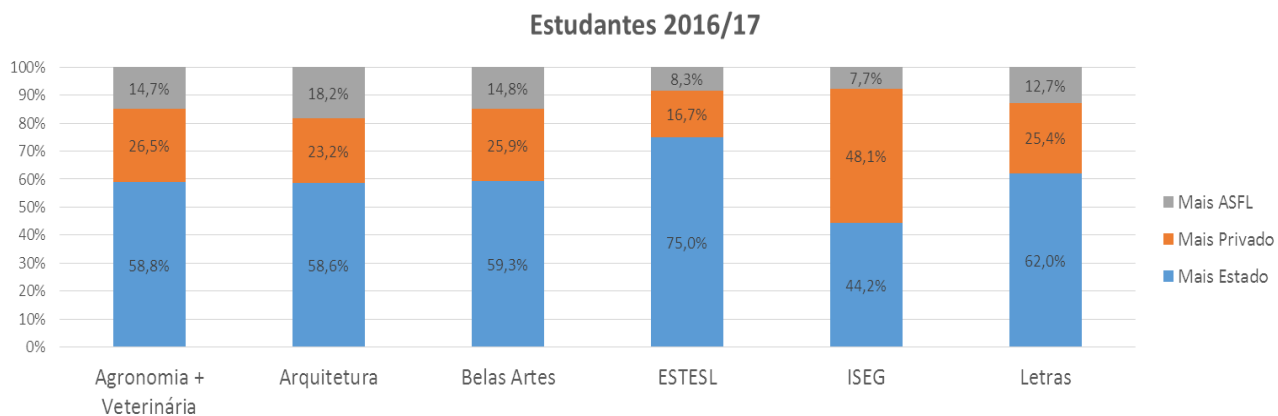
Nos dados mais recentes este mapeamento geral permanece válido; mas deve notar-se também agora uma clara tendência convergente: os ‘civis’ estão algo menos estatistas, ao passo que os estudantes de economia se revelam muito menos entusiasticamente *free-marketeer*: as percentagens a favor de maior intervenção económica estatal descem ligeiramente de 52.3 (em 2006) para 49.8 (em 2016) entre os ‘civis’, mas sobem entretanto de forma muito significativa, de 26.4 (2006) para 38.5 (2012) e 44.2 (2016/17), entre os estudantes de economia.

Figura 1



Por outro lado, adento dos ‘outros estudantes’ foram facilmente identificados padrões muito diversificados no estudo de 2016/17. De 60.3% favoráveis a maior intervenção económica estatal em 2009 passámos a valores que continuam muito próximos dos 60% para um grande bloco de cinco escolas onde se incluem: Arquitetura (58.6), Agronomia e Veterinária (58.8), Belas Artes (59.3) e Letras (62 %); mas observa-se, entretanto, um valor excecionalmente elevado de 75% para os estudantes de Tecnologias da Saúde (ESTESL).

Figura 2



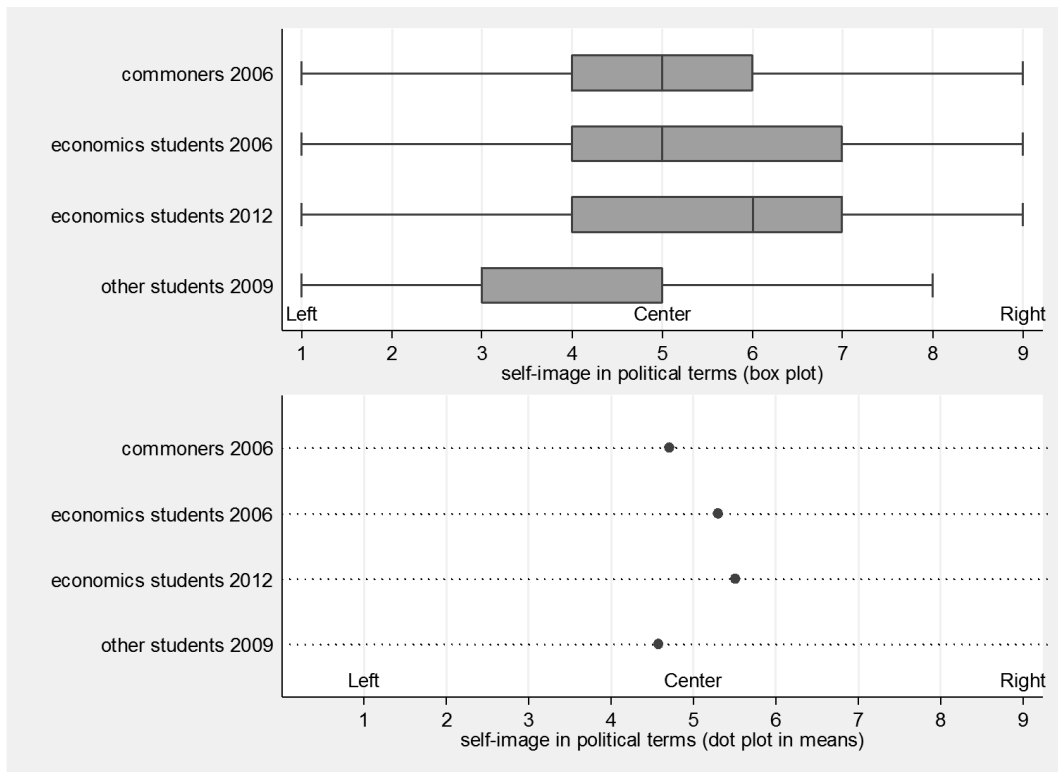
Relativamente à dimensão seguinte da análise, atinente à perceção de si próprio ao longo dum eixo esquerda-direita (desde 1, ‘extrema-esquerda’, até 9 para ‘extrema direita’), continua a observar-se uma elevadíssima frequência nos valores do centro (sobretudo 5) no caso dos ‘civis’, os quais parecem genericamente estar agora ainda mais ‘centrados’, transitando de um valor médio de 4.71 em 2006 para um outro de 4.97 em 2016.

Figura 3



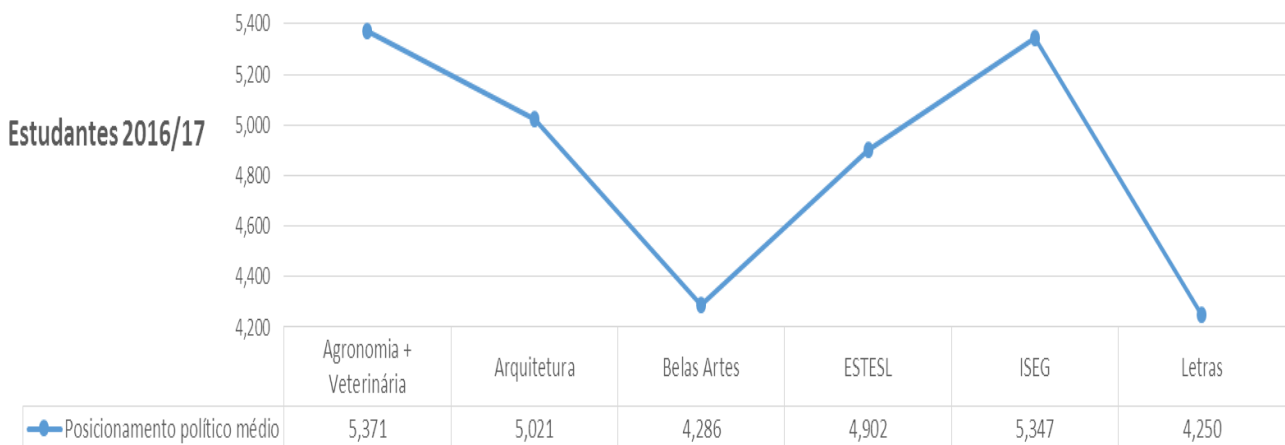
Os estudantes de economia continuam maioritariamente à direita, com valores de 5.3 em 2006, 5.51 em 2012 e muito perto de 5.35 em 2016/17. Todavia, e como ressalva importante a este mapeamento genérico, acrescente-se que, se em geral os ‘outros estudantes’ permanecem maioritariamente à esquerda, já entretanto o padrão dos economistas é agora praticamente o mesmo que o dos agrónomos e dos veterinários, com todos estes cursos de pendor ‘tecnológico’ a registarem valores entre 5.3 e 5.4. Na verdade, os outros estudantes passam de 4.58 em 2009 para 4.77 em 2016/17. Por conseguinte, continuam em média ligeiramente à esquerda dos ‘civis’, mas convergindo com eles. Acima de tudo, porém, destaca-se a existência de grupos com atitudes muitíssimo diversas, consoantes as escolas.

Figura 4



Três grupos de escolas são facilmente identificáveis quanto a esta dimensão: Agronomia e Veterinária registam marcas muito próximas do ISEG ou mesmo ligeiramente à direita deste, com um valor médio de 5.37; Arquitetura e Tecnologias da Saúde observam valores na vizinhança de 4.9/5.0, isto é, na prática muito perto dos observados também no caso dos ‘civis’, ao passo que Letras e Belas Artes, com um vincado pendor esquerdizante, têm marcas de 4.2/4.3. (ver Figura 5).

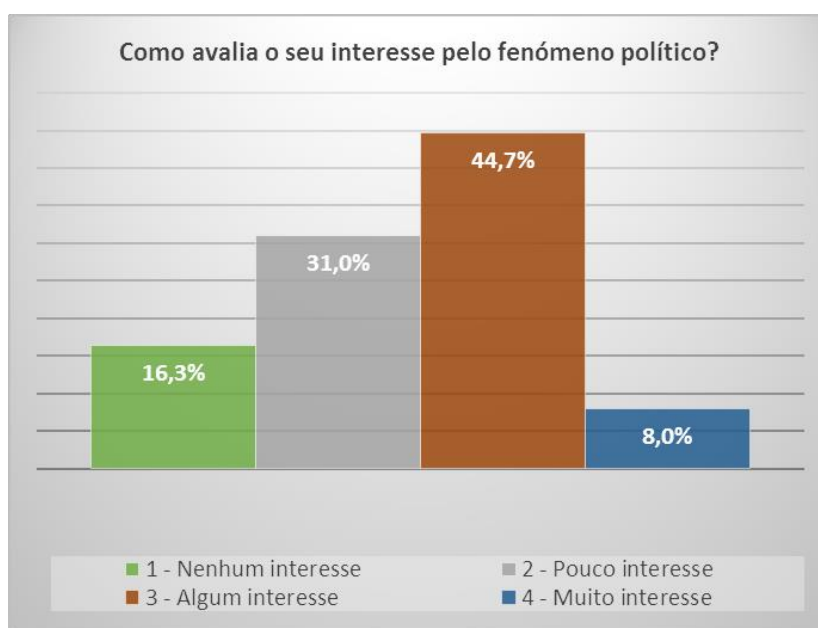
Figura 5



Quanto ao interesse pela política, tínhamos já antes registado que os estudantes de economia discrepavam dos ‘civis’ no sentido de um maior interesse, ao passo que os ‘outros estudantes’ indicavam, em média, menos interesse que a população em geral. Para os ‘civis’ de 2006 tínhamos quanto a essa dimensão obtido uma média de 2.3 (numa escala de 1 a 5), enquanto os ‘outros estudantes’ de 2009 registavam 1.98. Já os economistas aferiam 2.78 em 2006 e 2.88 em 2012.

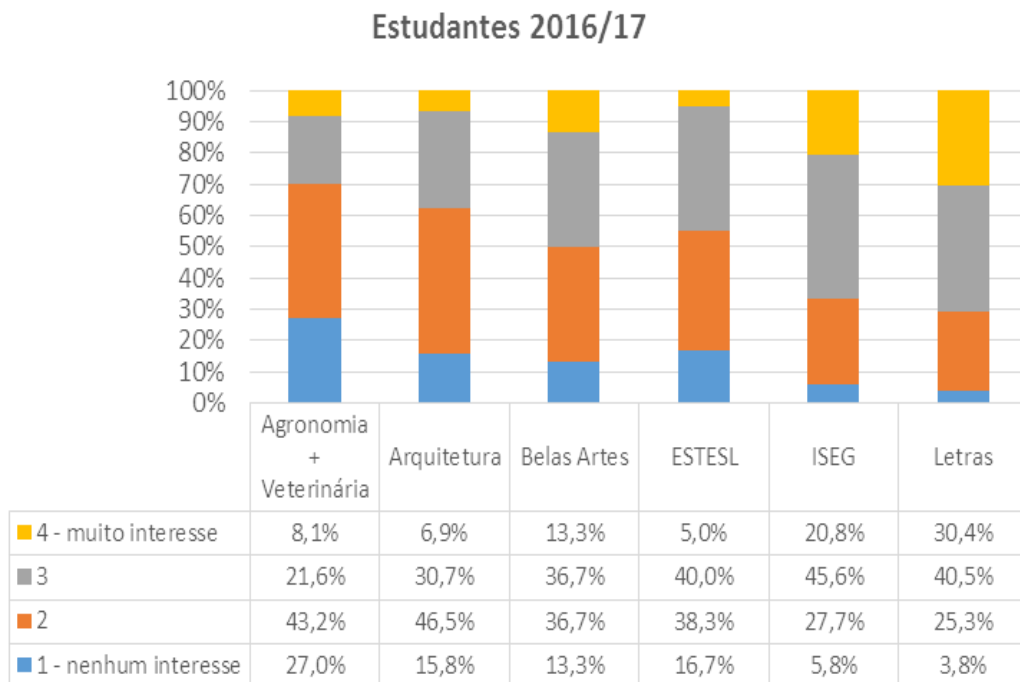
Em 2016 temos, para os ‘civis’, um valor médio de 2.44; para os economistas 2.81; e para os ‘outros estudantes’, enfim, 2.47. Por conseguinte, os economistas continuam marcadamente mais interessados do que os restantes grupos (acima de 2.8 em todos os três anos em que foram inquiridos), mas entretanto os outros estudantes convergem obviamente com a população em geral.

Figura 6



Esta convergência dos ‘outros estudantes’ com os ‘civis’ fica aparentemente a dever-se, pelo menos em parte, à inclusão no estudo de escolas com um valor médio de interesse pela política tão ou mais elevado do que o observável para os ‘economistas’. Referimo-nos em particular à Faculdade de Letras, cuja população estudantil averba a marca mais elevada nesta matéria, acima mesmo da população iseguiana. Os valores médios, por escolas ou grupos de escolas, são os seguintes: Letras 2.97; ISEG 2.81; Belas Artes 2.5; ESTESL 2.33; Arquitetura 2.29; Agronomia e Veterinária 2.11 (ver Figura 7, infra).

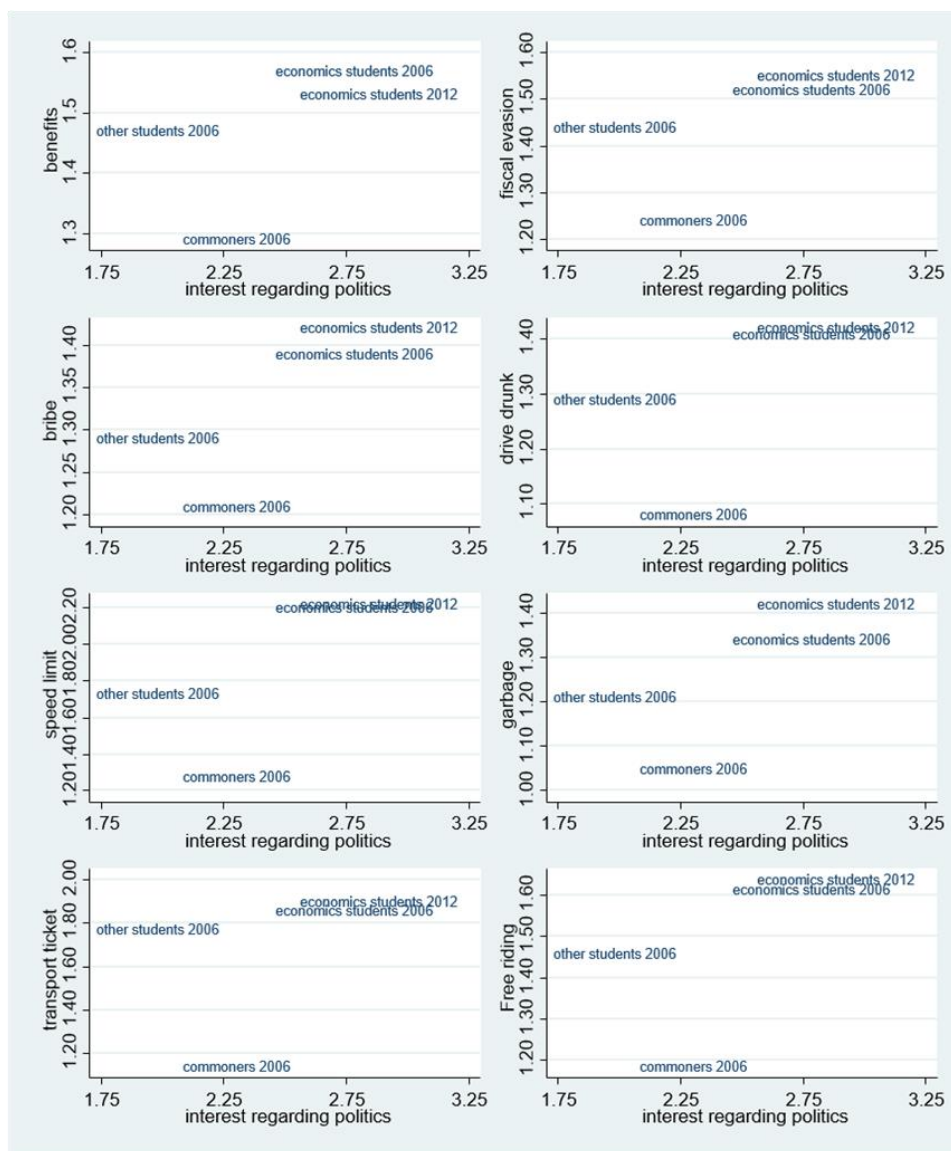
Figura 7



Uma outra dimensão identificada na literatura anterior era a maior inclinação média dos economistas para condutas de *free-riding*, medida através do seu grau declarado de tolerância para com as práticas de evasão fiscal, solicitação de benefícios sociais a que não se tem direito, suborno, uso de transportes públicos sem pagar bilhete, deitar lixo na rua, condução em excesso de velocidade e condução sob o efeito de álcool. Quanto a isso, os ‘economistas’ registavam valores médios de 1.61 em 2006 e 1.63 em 2012 (tolerância medida, de novo, numa escala de 1 a 5), ao passo que os ‘civis’ de 2006 marcavam 1.18 e os ‘outros estudantes’ de 2009 averbavam em média 1.46.

Estas variações na inclinação *free-riding* acompanhavam aliás de perto as variações também no interesse pela política: médio nos ‘civis’, com valor de 2.4 em 2006; menor entre os ‘outros estudantes’ com 1.98 em 2009; maior entre os ‘economistas’, com 2.78 em 2006 e 2.88 em 2012 (ver Figura 8, particularmente o quadrado inferior direito, para os valores médios de propensão *free-riding*).

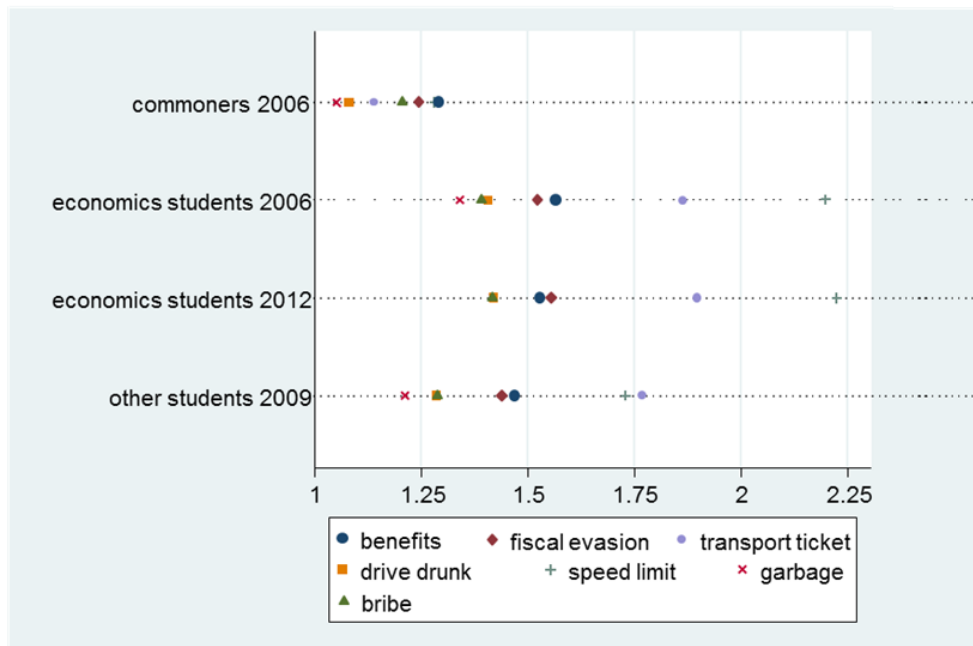
Figura 8



Adentro da genérica propensão *free-rider* foi distinguida por nós em estudos anteriores (Graça, Caiado e Correia, no prelo) uma inclinação para o *free-riding* ‘público’, ou seja, sem lesão direta a outrem, o que corresponde grosso modo às dimensões relativas a fraude fiscal, reclamação abusiva de benefícios e não-pagamento de transportes públicos, e uma outra de *free-riding* ‘privado’, onde essa lesão é explícita e direta, o que corresponde às 4 outras variáveis consideradas.

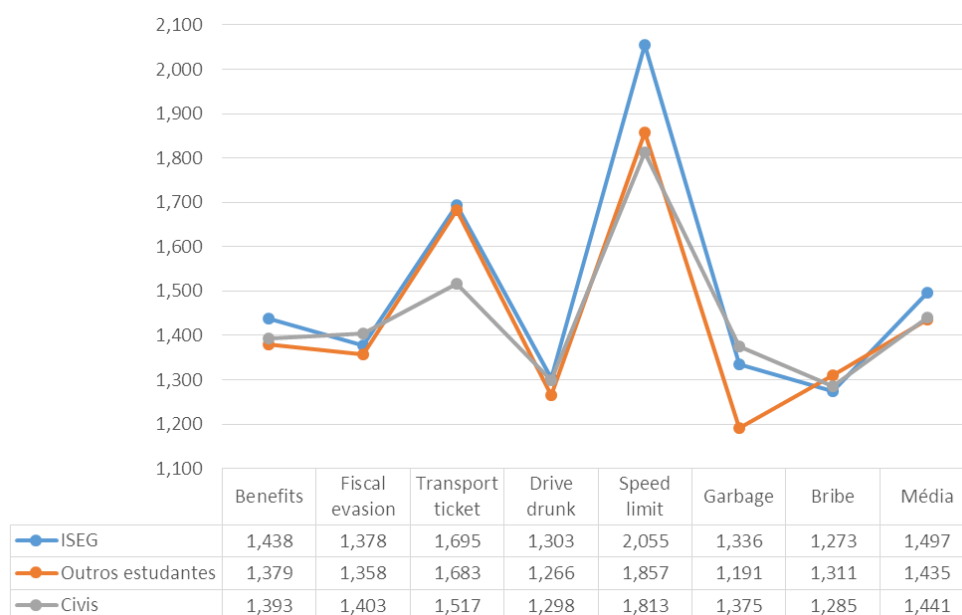
Quanto a isto, o grupo dos ‘outros estudantes’, que em geral registava uma propensão intermédia, aproximava-se dos ‘civis’ relativamente a *free-riding* ‘privado’, mas ficava mais perto dos economistas quanto a aspetos de *free-riding* ‘público’ (ver Figura 9).

Figura 9



Nos dados de 2016/17 há elementos novos de significativa importância, a inclinação *free-riding* dos vários grupos parecendo tender a convergir para um ponto intermédio, próximo dos 1.45: os ‘economistas’ descem de 1.61 e 1.63 para 1.49; os ‘outros estudantes’ passam de 1.46 para 1.43. Acima de tudo, porém, os ‘civis’ sobem marcadamente de 1.18 para 1.44.

Figura 10



Os estudantes iseguianos continuam, por conseguinte, à frente de todos os demais grupos em matéria de inclinação *free-rider*, mas a sua diferença específica esbateu-se

de forma muito significativa, afigurando-se-nos estar em decurso, também quanto a isto, um processo de convergência dos vários grupos para uma posição intermédia. De entre as 7 dimensões consideradas, os ‘economistas’ ocupam a primeira posição em 4 casos, mas só quanto ao aspeto da tolerância para com a ultrapassagem de limites de velocidade a sua atitude parece significativamente diferente da dos demais grupos (ver Figura 10).

As razões destas tendências evolutivas constituem objeto para investigações subsequentes.

Referências:

Graça, J. C., Lopes, J. C., & Correia, R. G. (2014). *Economics education: literacy or mind framing? Evidence from a survey on the social building of trust in Portugal* (WP do Departamento de Economia do ISEG). Disponível em : https://aquila5.iseg.ulisboa.pt/aquila/getFile.do?method=getFile&fileId=531131&request_checksum =9e88fae7f14a46d57b4d74ef4bf190d83bca64e6

Graça, J. C., Lopes, J. C., & Correia, R. G. (2016). Economics education: Literacy or mind framing? Evidence from a survey on the social building of trust in Portugal. *Análise Social*, ICS, Universidade de Lisboa, Vol. 51 (3.º), 220, Setembro, 516-542. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_220_art01.pdf

Graça, J. C., Caiado, J., & Correia, R. G. (no prelo). Sociopolitical Values, Attitudes and Behaviors of Portuguese Economics Students. *Sociologia, Problemas e Práticas* (aceite para publicação em 2018).